

Material de apoio ao professor

A operação de Lili



LIVRO *A operação de Lili*

AUTOR Rubem Alves

ILUSTRADORA Veridiana Scarpelli

NÚMERO DE PÁGINAS 32

CATEGORIA 4 – 1º ao 3º anos –
Ensino Fundamental

TEMAS

Descoberta de si; Família, amigos e escola; O mundo natural e social

GÊNERO

conto

Este material tem a finalidade de colaborar com educadores empenhados em fazer da leitura uma ferramenta para o autoconhecimento e para o conhecimento do mundo. Tornar a leitura um hábito na vida das crianças é nossa responsabilidade e também um grande prazer. Ajude-as a ter a chance de descobrir nas páginas de um livro muita diversão, cultura, informação e, acima de tudo, um novo jeito de ver o mundo.

Aqui você encontra:

- Contextualização do autor e da obra.
- Motivação do estudante para a leitura/escuta.
- Informações que relacionam a obra aos seus respectivos temas, categoria e gênero literário.
- Subsídios, orientações e propostas de atividades.
- Orientações para as aulas de Língua Portuguesa que preparem os estudantes para a leitura da obra (material de apoio pré-leitura), assim como para sua retomada e problematização (material de apoio pós-leitura).
- Orientações gerais para as aulas de outros componentes ou áreas para a utilização de temas e conteúdos presentes na obra, com vistas a uma abordagem interdisciplinar.

PARTE I – OBRA, AUTOR, TEMAS, CATEGORIA E GÊNERO

1. Contextualização do autor e da obra

A obra

Lili, uma elefantinha, é muito amiga do sapo Gregório. Os dois adoram brincar na lama. Um dia acontece um acidente, e o sapo fica preso dentro da tromba de Lili. Tentam de tudo, espirro, pimenta-do-reino, mas não tem jeito, a elefantinha tem de ser operada pela Fada da Floresta. Os animais ajudam no procedimento: as garças são as enfermeiras; os pernilongos, especialistas em dar injeção; o farmacêutico Corujão pega folhas e flores para servirem de remédio; e os vaga-lumes iluminam a cirurgia.

Sobre o autor

Rubem Alves (1933-2014) nasceu em Boa Esperança, Minas Gerais. Formou-se em Teologia pelo Seminário Presbiteriano do Sul, em Campinas (SP), e foi mestre e doutor em Filosofia (Ph.D.) pelo Seminário Teológico de Princeton (EUA). Foi teólogo, professor, psicanalista e escritor. Autor de livros de educação, teologia, crônicas e histórias infantis, recebeu o Prêmio Jabuti na categoria Contos e Crônicas em 2009. Importante educador e filósofo, ele sabia que para atrair a atenção de meninas e meninos é preciso fazer uso inteligente da fantasia, do jogo e também do afeto. Até morrer, em 2014, aos 81 anos, foi o que fez em grande número de obras destinadas à infância.

Sobre a ilustradora

Veridiana Scarpelli nasceu e mora na cidade de São Paulo. Estudou Arquitetura e Urbanismo na FAU-USP. Iniciou a carreira como ilustradora em 2007, criando imagens para revistas e jornais. Em 2012, lançou *O sonho de Vitória*, seu primeiro livro como autora.

2. Motivação do estudante para a leitura

Segundo a tradição, fábulas são narrativas em que animais ou criaturas extraordinárias têm comportamentos humanos e, no final, trazem ensinamento útil. Diferentemente das fábulas do passado, que entregavam a moral da história, as modernas indicam possibilidades, mostram alternativas. É o que ocorre em *A operação de Lili*, que narra a amizade entre a elefantinha Lili e o sapo Gregório. A divertida brincadeira de esconde-esconde criada pelos dois provoca a necessidade de uma cirurgia em Lili, mas ninguém tem coragem para enfrentar o perigo. Para resolver a questão, a elefantinha e o sapo têm apoio de outros animais e da Fada da Floresta.

Por meio dessa narrativa, podem ser abordados temas como a importância da amizade, a solidariedade e também o enfrentamento de medos diante de uma doença que requer tratamentos médicos mais invasivos, como é o caso de uma cirurgia.

3. Informações que relacionam a obra aos seus respectivos temas, categoria e gênero literário

Na obra infantil de Rubem Alves, encontram-se recontos de fábulas modernas como a história de *A operação de Lili*, indicada a estudantes do 1º ao 3º ano do Ensino Fundamental, de acordo com as habilidades e as competências descritas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). A narrativa sobre a amizade entre dois animais diferentes, a elefantinha Lili e o sapo Gregório, é uma oportunidade para trabalhar a temática da amizade, do encontro com a diferença e do mundo natural e social. Cada um, com anatomia e características próprias, descobre um meio de interagir e brincar com o outro. Até que, durante uma brincadeira entre os amigos, um incidente acaba deixando o sapo Gregório preso dentro da tromba de Lili. E a elefantinha terá que ser corajosa para encarar uma operação. Com o apoio dos amigos da floresta, ela terá que aprender a lidar com seus sentimentos e suas emoções e encarar a operação com maturidade.

Essa história de animais que apresentam comportamentos humanos, característica comum das fábulas, é uma lição sobre como lidar com os medos e com o diferente e como exercitar o autoconhecimento.

4. Subsídios, orientações e propostas de atividades

A operação de Lili contribui para a formação leitora da criança nas práticas de linguagem associadas a vários campos de atuação, em especial o artístico-literário, descritos na nova BNCC, especialmente no que se refere às seguintes habilidades:

- (EF01LP26) Identificar elementos de uma narrativa lida ou escutada, incluindo personagens, enredo, tempo e espaço.
- (EF15LP15) Reconhecer que os textos literários fazem parte do mundo do imaginário e apresentam uma dimensão lúdica, de encantamento, valorizando-os, em sua diversidade cultural, como patrimônio artístico da humanidade.
- (EF15LP18) Relacionar texto com ilustrações e outros recursos gráficos.
- (EF02LP26) Ler e compreender, com certa autonomia, textos literários, de gêneros variados, desenvolvendo o gosto pela leitura.
- (EF02LP28) Reconhecer o conflito gerador de uma narrativa ficcional e sua resolução, além de palavras, expressões e frases que caracterizam personagens e ambientes.
- (EF15LP02) Estabelecer expectativas em relação ao texto que vai ler (pressuposições antecipadoras dos sentidos, da forma e da função social do texto), apoiando-se em seus conhecimentos prévios sobre as condições de produção e recepção desse texto, o gênero, o suporte e o universo temático, bem como sobre saliências textuais, recursos gráficos, imagens, dados da própria obra (índice, prefácio etc.), confirmando antecipações e inferências realizadas antes e durante a leitura de textos, checando a adequação das hipóteses realizadas.

- (EF01LP02) Escrever, espontaneamente ou por ditado, palavras e frases de forma alfabética – usando letras/ grafemas que representem fonemas.
- (EF15LP09) Expressar-se em situações de intercâmbio oral com clareza, preocupando-se em ser compreendido pelo interlocutor e usando a palavra com tom de voz audível, boa articulação e ritmo adequado.
- (EF35LP01) Ler e compreender, silenciosamente e, em seguida, em voz alta, com autonomia e fluência, textos curtos com nível de textualidade adequado.
- (EF03LP08) Identificar e diferenciar, em textos, substantivos e verbos e suas funções na oração: agente, ação, objeto da ação.

PARTE II – LÍNGUA PORTUGUESA

Orientações para as aulas de Língua Portuguesa que preparem os estudantes para a leitura da obra (material de apoio pré-leitura), assim como para sua retomada e problematização (material de apoio pós-leitura).

1. Material de apoio pré-leitura

A leitura mediada

Para iniciar o trabalho com *A operação de Lili*, mostrar a capa para os alunos para que eles levantem hipóteses sobre o assunto do livro: quem são os personagens, em que ambiente a história se desenvolve, quais são os problemas que os personagens vão enfrentar etc. Chamar a atenção para as duas figuras que aparecem na capa: um sapo e um elefante. Comentar sobre o tipo de relação existente entre eles.

Com base nas hipóteses levantadas sobre a relação entre um sapo e um elefante, conversar com os alunos sobre a amizade. Perguntar se eles têm amigos, se os amigos são da escola, do bairro ou de outro lugar, quem eles consideram amigo, quais são os valores que podem sustentar uma relação de amizade.

Os textos a seguir podem auxiliar o professor na condução dessa conversa com os alunos.

A amizade é reconhecida na literatura científica como uma importante fonte de felicidade e de bem-estar subjetivo, uma vez que proporciona o suporte social, o compartilhamento de experiências, de interesses, de sentimentos e de emoções (Cheng & Furnham, 2002; Hartup, 1996). As relações de amizade permitem ao indivíduo o aprendizado de habilidades sociais importantes para o estabelecimento de relações interpessoais satisfatórias e harmoniosas ao longo de todo o ciclo vital. [...]

BORSA, Juliane Callegaro. *O papel da amizade ao longo do ciclo vital*. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-82712013000100017>. Acesso em: 26 abr. 2018.

[...]

A relação com os amigos em algumas fases do desenvolvimento pode ser descrita como a principal mediação entre os indivíduos e o mundo: é a partir das representações compartilhadas que são construídos os significantes de cada experiência cotidiana.

Pesquisas ao redor do mundo têm buscado explicar a importância da amizade em situações extremas como: problemas familiares (separação, divórcio, falecimento de um parente), doenças físicas e momentos de sofrimento psíquico. Segundo alguns autores, as relações de amizade funcionariam como válvula de escape. Para outros, elas seriam objeto importante de investimento de energia libidinal, tornando-se prioridade em algumas fases do desenvolvimento, que são caracterizadas justamente por essa preferência por relações para além do ambiente familiar, no caso os amigos da escola, do trabalho e de outros tantos grupos, uma vez que os sujeitos se colocam em busca de certa autonomia em relação a seus pais, buscando encontrar seu lugar no mundo.

[...]

FERRARI, Juliana Spinelli. As amizades influenciam? *Brasil Escola*. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/psicologia/as-amizades-influenciam.htm>>. Acesso em: 26 abr. 2018.

Livro ilustrado: texto e imagem

O livro *A operação de Lili* é ricamente ilustrado. A narrativa visual é complementar à narrativa escrita, e tão importante quanto ela. Hoje, em uma sociedade que se comunica tanto pelo visual quanto pelo verbal, saber ler imagens e narrativas imagéticas é fundamental para um desenvolvimento pleno de todas as capacidades comunicativas. Ciça Fittipaldi, ilustradora brasileira, reflete sobre o processo de construção da narratividade visual:

Toda imagem tem alguma história para contar. Essa é a natureza narrativa da imagem. Suas figurações e até mesmo formas abstratas abrem espaço para o pensamento elaborar, fabular e fantasiar. A menor presença formal

num determinado espaço já é capaz de produzir fabulação e, portanto, narração. Claro que a figurativização torna a narrativa mais acessível, pois a comunicação é mais imediata, o processo de identificação das figuras como representações é mais rápido do que numa expressão gráfica ou pictórica formalmente abstrata (que se pretende desvinculada da função de representação). Se a essa presença formal é conferida uma dimensão temporal, a dimensão de um acontecimento, então a narratividade já está em andamento. Se ao olharmos uma imagem podemos perceber o acontecimento em ação, o estado representado, uma ou mais personagens “em devir”, podemos imaginar também um (ou mais) “antes” e um (ou mais) “depois”. E isso é uma narração. Entre as histórias narradas nos textos escritos de um livro literário e as narrativas configuradas nas ilustrações do mesmo livro há correspondência sem necessariamente haver repetições. Escrita e imagem são companheiras no ato de contar histórias. [...]

FITTIPALDI, Cíça. O que é uma imagem narrativa. In: OLIVEIRA, Ieda de. *O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil*. São Paulo: DCL, 2008. p. 103.

Segundo Van der Linden (2011), há três tipos de relação possíveis entre texto e imagem: relação de redundância, relação de colaboração e relação de disjunção. Conhecer essas possibilidades é importante para que o pequeno leitor possa assimilar a história, sem restringi-la a uma única interpretação e abrindo espaço para sua imaginação:

[...] Articulados, textos e imagens constroem um discurso único. Numa relação de colaboração, o sentido não está nem na imagem nem no texto: ele emerge da relação entre os dois. Quanto mais as respectivas mensagens parecem distantes uma da outra, mais importante será o trabalho do leitor para fazer emergir a significação. [...]

VAN DER LINDEN, Sophie. *Para ler o livro ilustrado*. São Paulo: Cosac Naify, 2011. p. 121.

A ilustração de *A operação de Lili* não é mera tradução visual do texto e, portanto, contribui para que coexistam, na obra, dois discursos em permanente contato. Esse tipo de ilustração é o que tem maior potencial de enriquecer a leitura:

Ilustração e texto convivem e interagem no mesmo espaço: seja um livro, seja uma página de revista, seja um cartaz, seja uma tela de computador. Nesse sentido, a ilustração não pode ser vista – repito não pode ser vista – como uma tradução do texto, como uma espécie de tradução da linguagem verbal para a linguagem visual. [...] A ilustração, porém, não é uma imagem que traduz um texto, ela é uma imagem que acompanha um texto, criando uma diferença em relação a traduções do verbal para o visual – ou audiovisual – [...] já que os textos verbais, os textos pictóricos, os textos audiovisuais etc. estão sobre suportes diferentes, ao contrário da ilustração, que compartilha o mesmo suporte que o texto.

No livro ilustrado interagem duas linguagens e, assim, dois tipos de texto, compondo um texto híbrido, verbo-visual. Dois textos – ou dois discursos – em diálogo. [...] Se o texto visual não repete o que diz o texto verbal, a busca de equivalências parece ser ainda menos apropriada para se falar sobre a relação entre texto e ilustração.

[...] Se o discurso verbal e o discurso visual formam dois discursos – um diálogo –, então é preciso ir além da busca de coerência entre texto e ilustração e superar a busca de fidelidade das ilustrações ao texto, pois essa perspectiva empobrece a leitura das obras.

[...]

CAMARGO, Luís. *Para que serve um livro com ilustrações*. Texto gentilmente cedido para este material.

Atividades

As atividades a seguir podem auxiliar o professor no preparo de situações de leitura, com o objetivo de desenvolver a fruição literária, as competências específicas de Língua Portuguesa e as práticas de linguagem nos campos da vida cotidiana, de estudo e pesquisa e artístico-literário.

- Chamar a atenção dos alunos para a materialidade do livro, mostrando os elementos da capa (título do livro, nome do autor e do ilustrador, ilustrações, logo da editora) e da quarta capa (texto de quarta capa e ilustrações). (Habilidade de referência: EF15LP02.)
- Ler com eles o texto de quarta capa e, com base nesse texto e nas ilustrações de capa e quarta capa, pedir que falem sobre o que esperam da história. Pode-se anotar essas observações em uma folha à parte e, depois da leitura, voltar a elas com os alunos para ver quais foram concretizadas. (Habilidade de referência: EF15LP02.)

2. Material de apoio pós-leitura

Contação de histórias

Após a primeira leitura do livro com os alunos, sugerir a eles que recontem a história do jeito que preferirem: página a página, de memória, interpretando, conversando etc. Vale a pena ler os trechos abaixo sobre a importância de recontar histórias:

A “contação de histórias” é uma das práticas mais remotas que se tem registro da humanidade. O ser humano conta histórias desde o início do desenvolvimento das habilidades de comunicação e da fala. Elas promoviam, e promovem, momentos de união, confraternização, trocas de experiências, além de ajudar a passar o tempo e vencer o tédio.

[...]

As histórias despertam a imaginação, as emoções, o interesse, as expectativas... ouvir uma história e/ou contá-la e recontá-la é uma maneira de preservar as culturas, os valores e compartilhar o conhecimento.

MOREIRA, Jean. A arte da contação de histórias. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 13 set. 2016. Disponível em: <<http://educacao.estadao.com.br/blogs/blog-dos-colegios-poliedro/a-arte-da-contacao-de-historias/>>. Acesso em: 26 abr. 2018.

Quando o leitor está dando os primeiros passos de sua longa jornada pelo mundo da leitura, uma forma de despertar seu interesse é fazê-lo mergulhar em histórias divertidas e envolventes que guardem similaridade com suas próprias histórias.

A apropriação da capacidade leitora é uma das mais importantes conquistas do ser humano. A compreensão de mundo da criança deve ser estimulada por temas que tenham relação com o meio em que vive para que sejam feitas as conexões com a realidade de modo que possam fazer sentido. Diferentes temas e portadores diversos podem oferecer oportunidade de identificações imediatas e incorporar a leitura ao universo da criança desde cedo.

A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a língua: características do gênero, do portador, do sistema de escrita, etc. Não se trata simplesmente de extrair informação da escrita, decodificando-a letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica, necessariamente, compreensão na qual os sentidos começam a ser constituídos antes da leitura propriamente dita.

[...]

Um leitor competente só pode constituir-se mediante uma prática constante de leitura de textos de fato, a partir de um trabalho que deve se organizar em torno da diversidade

de textos que circulam socialmente. Esse trabalho pode envolver todos os alunos, inclusive aqueles que ainda não sabem ler convencionalmente.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa*. Brasília, DF: SEF, 1997. v. 2. p. 40. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro02.pdf>>. Acesso: 26 abr. 2018.

Conversar com os alunos sobre aspectos que eles consideram semelhantes aos da vida deles, como as brincadeiras que costumam realizar com os amigos, acidentes ou situações complicadas pelos quais já tiveram de passar, se eles têm o hábito de ler outras histórias fora do ambiente escolar etc.

Comentar o fato de que Lili, ao passar pela operação na tromba, estava com medo. Para tranquilizá-la, a Fada da Floresta usou sua varinha mágica para adormecer a elefantinha, relacionando o ato de dormir a uma memória reconfortante: “Você gosta de dormir? Quando a gente dorme, a gente não sente nada que está acontecendo. Dormindo, a gente vai passear no mundo encantado da Branca de Neve, da Cinderela, do Patinho Feio, do Soldadinho de Chumbo... Todos eles moram no país dos sonhos. É assim”.

Conto e fábula

Este conto de Rubem Alves tem características de fábula. As fábulas são textos curtos, em prosa ou poesia, nos quais os personagens são, de modo geral, animais com características humanas. Costumam apresentar uma moral, um ensinamento ao final da história.

A fábula veio do conto, que, por sua vez, existe desde que o homem começou a expressar-se através da fala. A diferença entre eles não é que o conto relata fatos humanos e a fábula, pequenas histórias de animais. Há muitos contos populares que falam de homens e animais, enquanto a fábula, por sua vez, relata fatos acontecidos a deuses, homens, animais e objetos em geral.

A fábula diferencia-se do conto quando o seu contador tira do fato relatado uma lição de moral.

[...]

SMOLKA, Neide. *Esopo: Fábulas completas*. São Paulo: Moderna, 1994. Introdução. p. 6-7. (Coleção Travessias.)

O especialista em literatura infantojuvenil Luís Camargo aprofunda essa questão das características das fábulas:

No século I da nossa era, o termo fábula esópica era utilizado não porque a fábula fosse realmente de autoria de Esopo, mas em sentido geral, como homenagem a Esopo, por sua dedicação ao gênero e sua maestria. É importante lembrar que Esopo deve ter vivido no século VI a.C. e que não conhecemos nenhum texto autógrafa dele, ou, como dizem os advogados, “escrito de próprio punho”. As cópias mais antigas das fábulas esópicas são do século X d.C.

O que realmente Esopo contou e escreveu? Não sabemos. Mas isso não tem importância. O que importa é que “fábula de Esopo” ou “fábula esópica” é um tipo de texto de origem provavelmente oriental, que se desenvolveu na Grécia, passou ao mundo latino e depois às línguas neolatinas. Fedro (15 a.C.), La Fontaine (1621-1695), Monteiro Lobato (1882-1948) e Millôr Fernandes (1924) são herdeiros e recriadores dessa tradição.

O que é uma fábula? Os antigos diziam que fábula é uma história mentirosa que mostra uma verdade. [...]

Aposto que você tem uma ideia sobre o que seja fábula. E arrisco a dizer que seu conceito de fábula é diferente desse que acabei de apresentar. Foi de propósito, justamente para sugerir que os conceitos variam ao longo do tempo.

Imagine que estamos sentados em círculo e que um de nós proponha um “jogo rápido”: “diga uma característica da fábula”. Você poderia responder, por exemplo, “concisão”. De fato, fábulas são narrativas curtas.

Por serem curtas, as fábulas podem ser facilmente memorizadas e se prestam a exercícios de reescrita.

Desenhar ajuda a criança a lembrar a história. Em alguns casos, a criança desenha o trecho que mais chamou sua atenção, por exemplo, o clímax da história. Em outros casos, a criança pode transformar a história em uma história em quadrinhos. Especialmente no caso de crianças menores, desenhar depois de ler ou ouvir uma história parece favorecer a sua reescrita.

Aliás, parece que – pelo menos nas quatro primeiras séries do Ensino Fundamental – a reescrita depois da audição de um texto funciona melhor do que a reescrita depois da leitura. Por quê? Porque, depois da leitura, muitas vezes a criança continua tendo acesso ao texto, o que pode levá-la a consultá-lo, a relê-lo. Assim, em lugar de reconstruir mentalmente o texto e reescrevê-lo “com suas palavras” – como se costuma dizer –, a criança pode se sentir atraída a copiar o texto ou, pelo menos, alguns de seus trechos. A reescrita permite avaliar a compreensão do texto e, ao mesmo tempo, serve para a criança exercitar e flexibilizar sua escrita, aprendendo que um mesmo conteúdo pode ser expresso de maneiras diferentes. (É verdade que mudanças na forma provocam mudanças no sentido, mas essa é uma sutileza de difícil compreensão para crianças em fases iniciais de leitura e escrita.)

CAMARGO, Luís. *A fábula na sala de aula*. Texto gentilmente cedido para este material.

Os antigos diziam que fábula era uma “história mentirosa que fala uma verdade”. Em *A operação de Lili*, a mentira reside no fato de que sapos, elefantes e outros animais não falam e não brincam juntos, é evidente. No universo da literatura, porém, isso é possível. O ensinamento, a moral, não é destacado ao final, como nos exemplos mais clássicos do gênero, mas ele existe: às vezes as coisas saem errado e é preciso coragem para resolvê-las. É o que aprende o leitor deste livro.

Pode ser interessante apresentar para os alunos exemplos de fábulas, antes de começar o trabalho de leitura com a turma. Pode-se também pedir a eles que contem suas fábulas

preferidas e que identifiquem as características do gênero. É provável que digam que elas têm animais como personagens e que percebam a moral no fim do texto.

Contos de fadas

A operação de Lili traz a personagem Fada da Floresta, e apresenta intertextualidade com o conto de fadas *Cinderela*. Depois da leitura do livro, chamar a atenção dos alunos para esse fato. Rubem Alves, não só por meio do gênero fábula, do qual se apropria de alguns elementos, mas também por meio do diálogo com o gênero conto de fadas, conversa com uma grande tradição literária.

Os alunos costumam gostar muito dos contos de fadas, e esse é um ponto que pode ser trabalhado depois da leitura. Pedir a eles que identifiquem os elementos dos contos de fadas que conseguem encontrar na história. Nesse ponto, eles podem precisar de ajuda. Depois, verificar se eles conhecem a personagem Cinderela. Em 2015, esse conto de fadas foi adaptado pelos Estúdios de Walt Disney como filme. Se for possível, exiba para a turma o filme completo ou pelo menos a parte final, do baile, que é citada na história da Lili.

Perguntar aos alunos se eles acham que esse recurso de um texto retomar outra história é comum em livros e filmes. Pode ser citado, por exemplo, o filme *Shrek*, que, além de quebrar os paradigmas dos contos de fadas, dialoga com vários textos e filmes.

Nelly Novaes Coelho comenta essa recente popularidade dos contos de fadas:

Os distraídos já puderam notar que, entre muitas curiosidades deste nosso tempo caótico, dinamizado pela cultura cibernética, vem-se sobressaindo a crescente onda de interesse pela literatura alimentada pela magia, pelo sobrenatural, pelo mistério da vida, das forças ocultas. E, no rastro desse interesse, as fadas estão de volta, entrando não só nos lares, mas também na escola.

Multiplicam-se nas livrarias as edições e reedições dos contos de fadas ou contos maravilhosos, lendas, mitos, clássicos antigos e modernos [...]

Não há dúvidas que estamos vivendo um limiar histórico: entre uma ordem de valores herdada da tradição progressista (e hoje em pleno processo de superação/transformação) e uma desordem em cujo bojo uma nova “ordem” está em gestação... (muito embora ainda não tenhamos nenhuma ideia de como ela será!). É nesse limiar ou nessa fronteira que se situa o papel formador desses livros antigos. Portanto, longe de serem algo superado ou mero entretenimento infantil, precisam urgente ser redescobertos como fonte de conhecimento de vida. [...]

COELHO, Nelly Novaes. *O conto de fadas: símbolos - mitos - arquétipos*. 4. ed. São Paulo: Paulinas, 2012. p. 17.

Atividades

As atividades a seguir podem auxiliar o professor na reflexão após a leitura, com o objetivo de potencializar os efeitos da fruição literária, as competências específicas de Língua Portuguesa e diversas práticas de linguagem previstas na BNCC.

- Compartilhar a leitura do texto em voz alta com os alunos. Atentar para que a leitura seja expressiva. Ressaltar a importância de pronunciar as palavras com clareza, ler em um tom de voz audível, manter o ritmo e a fluência na leitura, ser expressivo e prestar atenção na pontuação. (Habilidade de referência: EF35LP01)
- Em *A operação de Lili*, a mãe da elefantinha contava para ela muitas histórias, como *Branca de Neve*, *Cinderela*, *Patinho Feio*, *Soldadinho de Chumbo*. As duas primeiras são contos folclóricos recolhidos pelos irmãos Grimm; as duas últimas, do escritor Hans Christian Andersen. Conversar com os alunos sobre outras histórias recolhidas pelos Grimm e de autoria de Andersen que conheçam. Propiciar um momento para que as crianças recontem essas histórias para os colegas. (Habilidade de referência: EF15LP09.)

- Pode ser que algum aluno já tenha passado por algum tratamento médico intensivo ou uma cirurgia. Se for conveniente, solicitar à criança que compartilhe sua experiência com a turma. (Habilidade de referência: EF15LP09.)
- Ler a frase “Lili era uma elefantinha. Gregório era um sapo. Mas eram muito amigos porque os dois adoravam brincar na lagoa” e solicitar aos alunos que recortem, de jornais e revistas, figuras que representem ações. Pedir a eles que cole as figuras no caderno e formem frases com base nelas. (Habilidade de referência: EF03LP08.)
- Escrever em fichas alguns verbos (sem conjugá-los) e colocá-los em uma caixa ou saco. Exemplos: brincar, pular, pentear, comer, ler, dormir, rir, coçar, apertar, separar, desenhar e escrever. Organizar a turma em grupos e promover uma brincadeira de mímica com os alunos: um integrante de um grupo pega uma ficha com um verbo e o representa, por meio de mímica. O grupo que acertar o verbo representado marca ponto. (Habilidade de referência: EF03LP08.)
- Depois da leitura, fazer uma roda de conversa com os alunos. Propor a eles que comentem o que acharam do texto, do que se trata, o que entenderam, de que parte mais gostaram, se se identificaram com algum personagem e por quê. (Habilidade de referência: EF35LP03.)
- Em seguida, propor que, em grupos de cinco, eles criem um texto curto, falando de um medo que superaram e utilizando animais como personagens. Pode-se propor também a encenação do texto. (Habilidade de referência: EF35LP25.)

PARTE III – INTERDISCIPLINARIDADE

Orientações gerais para as aulas de outros componentes ou áreas para a utilização de temas e conteúdos presentes na obra, com vistas a uma abordagem interdisciplinar.

Os animais e a literatura

Os animais despertam muito interesse nas crianças, os grandes e os pequenos, os domésticos e os selvagens. As crianças costumam adorar passeios no zoológico e brincar com cachorros e gatos. Muitos livros infantis contam com a presença de personagens que são animais. Luana von Linsingen, em sua dissertação de mestrado *Literatura infantil no ensino de Ciências: articulações a partir da análise de uma coleção de livros*, fala um pouco sobre a relação entre a literatura infantil e a presença de animais como personagens:

O uso de animais como personagens nas histórias, até onde se tem conhecimento, teve início com as fábulas do grego Esopo (540 a.C.). O romano Fedro (10 a.C.-69 d.C.) recuperou-as, e com o francês La Fontaine (1621-1695) as fábulas foram apresentadas ao mundo ocidental [...]. Tanto as fábulas de Esopo e La Fontaine como a prática da utilização de animais como personagens são, ainda hoje, corriqueiras quando se deseja entabular diálogo com as crianças, até mesmo em livros didáticos [...].

[Jacqueline] Held (1980) [no livro *O imaginário no poder: as crianças e a literatura fantástica*] afirma que a predileção das crianças é pelo animal. A autora fala que o mesmo é presença marcante em contos, e mesmo autores que não trabalham normalmente com este universo se valem de seu uso como personagens, especialmente quando fazem incursões na Literatura Infantil. Um exemplo deste tipo de autor é Clarice Lispector [...].

Em seu trabalho, Held vasculhou dezenas de histórias infantis. Sendo francesa, a maioria dos exemplos é da literatura francesa (embora estivesse um livro brasileiro entre as histórias, *Três garotos na Amazônia*, de Antonieta Dias de Moraes), porém é possível que o mesmo aconteça

na produção brasileira. Ademais, vale dizer que muitos livros infantis presentes nas livrarias e bibliotecas no Brasil são traduções, seja de clássicos, seja de contemporâneos, e são igualmente lidos pelas crianças, de maneira que não se deve ignorá-los.

Para Held, uma das possíveis explicações para esta predileção infantil está no que o tipo de animal representado significa, em termos de simbologias. Ele pode simbolizar muitas de suas projeções de liberdade, dentro de um mundo extremamente regrado dos adultos.

[...]

A autora faz quatro grandes divisões de animais, os mais presentes na literatura infantil que ela denomina fantástica: Nossos Irmãos Peludos, Mamíferos Exóticos, Mundo Alado, e Peixes e Baleias: a Vida Aquática. Em uma categoria à parte, estão Os Insetos.

A presença da primeira categoria, Nossos Irmãos Peludos, segundo ela, não é nenhuma surpresa. Em uma sociedade na qual tanto o pai quanto a mãe trabalham fora, estão sempre com pressa e sempre cansados e impacientes, o animal doméstico significa, para a criança isolada, um reduto de afeto, atenção e tempo que está ausente no exemplo adulto. Como tradicionalmente o animal de estimação é um mamífero, tem quatro patas e é peludo, é natural que apareça nas histórias infantis, como meio de o autor conquistar a simpatia do pequeno leitor.

Chamo a atenção de que a realidade apresentada no trabalho de Held diz respeito à realidade de crianças características de uma determinada camada social francesa. É possível vislumbrá-la em alguns segmentos sociais brasileiros [...]

LINSINGEN, Luana von. *Literatura infantil no ensino de Ciências: articulações a partir da análise de uma coleção de livros*. Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2008.

p. 60 e 61. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/91784/261298.pdf>>. Acesso em: 25 abr. 2018.

Mamíferos e anfíbios

Lili, a elefantinha, é um mamífero e gosta de brincar com Gregório, o sapo, que é um anfíbio. Uma atividade interessante a ser realizada com os alunos é a caracterização das diversas espécies de animais, ainda sem nomeá-los cientificamente.

“Galinha e pássaro fazem parte do mesmo grupo porque têm penas.” “Peixe, pinguim e pato ficam juntos porque nadam.” “Cavalo, gato e cachorro têm quatro patas, então, devem formar outro conjunto.” “Golfinho e tubarão são peixes porque sabem nadar.” É assim que os alunos do 3º ano da Escola Móbile, em São Paulo, justificam suas escolhas durante a tarefa de classificar os animais proposta pela professora Adriana Caravieri Rosa. Para analisar o que as crianças já sabem, ela distribui fotos de bichos e pede que, em equipe, elas as separem de acordo com algum critério que julguem válido e eficiente.

Como é possível notar [...], a meninada já tem algumas noções válidas que vão servir de base para dominar esse conteúdo.

[...] Não adianta apresentar os termos formais e montar uma lista, separando os animais de acordo com suas características. O ideal é encaminhar os alunos a notar as fragilidades das classificações propostas por eles mesmos e justificar o que está correto.

[...]

PINHEIRO, Tatiana. É hora de aprender a classificar os animais. *Nova Escola*, 1º mar. 2012. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/70/e-hora-de-aprender-a-classificar-os-animais>>. Acesso em: 26 abr. 2018.

[...] As diferenças entre os mamíferos não se limitam à forma.

[...] Mas se as diferenças entre os mamíferos são muitas, suas semelhanças preponderam. Todos os mamíferos possuem respiração pulmonar e um sistema circulatório onde um coração de quatro cavidades mantém separado o sangue arterial (que vem do pulmão e, portanto, rico em oxigênio) do venoso (que recebeu o dióxido de carbono das células). Nos répteis, anfíbios e peixes não há esta separação e o sangue arterial e venoso se misturam ao longo da circulação.

[...]

Os mamíferos são animais notáveis por mais duas características na qual se destacam entre todos os demais. Possuem cérebros grandes proporcionalmente às suas massas corporais, o que lhes confere melhor coordenação, memória e capacidade de aprendizagem e solução de problemas.

[...]

LANA, Carlos Roberto de. Mamíferos: características. *UOL Educação*, 25 abr. 2006. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/biologia/mamiferos-2-caracteristicas.htm>>. Acesso em: 26 abr. 2018.

[...]

Quando viram o terreno livre, os mamíferos se espalharam por todo o planeta e se adaptaram a todos os ambientes. Das tórridas savanas da África às gélidas paisagens do Ártico, os mamíferos ocuparam terras, oceanos, rios e os próprios ares. A razão desta adaptabilidade única entre os vertebrados, com similar próximo, mas não alcançado, nas aves, reside nas características típicas dos mamíferos – animais cordados, de sangue quente, cobertos por pelos, cujas fêmeas são capazes de produzir o alimento de seus filhotes, o leite.

[...]

A grande maioria dos mamíferos é terrestre, mas baleias, golfinhos e mamíferos fluviais como o peixe-boi representam bem o grupo pelas águas do mundo.

[...]

LANA, Carlos Roberto de. Mamíferos: diversidade e capacidade de adaptação. *UOL Educação*, 25 abr. 2006.

Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/biologia/mamiferos-1-diversidade-e-capacidade-de-adaptacao.htm>>. Acesso em: 26 abr. 2018.

A maior parte dos anfíbios vive a primeira fase de vida (na forma de larva) na água e a vida adulta na terra, em lugares úmidos ou próximos a corpos d'água. Os anfíbios foram os primeiros animais vertebrados – que têm espinha dorsal – a se adaptar à vida terrestre.

[...]

BRITANNICA ESCOLA. Anfíbio. Disponível em: <<https://escola.britannica.com.br/levels/fundamental/article/anf%C3%ADbio/48059>>. Acesso em: 26 abr. 2018.

Ciências

A BNCC prevê, na área de Ciências para o 3º ano, o trabalho com características e desenvolvimento dos animais. A *operação de Lili* permite trabalhar as seguintes habilidades: “(EF03CI04) Identificar características sobre o modo de vida (o que comem, como se reproduzem, como se deslocam etc.) dos animais mais comuns no ambiente próximo” e “(EF03CI06) Comparar alguns animais e organizar grupos com base em características externas comuns (presença de penas, pelos, escamas, bico, garras, antenas, patas etc.)”.

- Pode-se propor essa atividade individualmente ou dividir a sala em dois grupos. Um grupo fica responsável por pesquisar as características do personagem Gregório e outro por pesquisar as características da personagem Lili. (Embora o elefante não seja um animal comum no ambiente próximo, o sapo pode ser.) Pedir aos grupos que montem uma ficha do animal, contendo nome científico, onde vive, o que come, se está ameaçado de extinção, quais as espécies mais comuns no Brasil (no caso do elefante, onde ele pode ser encontrado no Brasil e em outros lugares do mundo), como se reproduzem, quanto tempo vivem, quantos filhotes têm em média e curiosidades. É importante ressaltar o fato de os elefantes estarem sob grande ameaça de extinção, por causa da

caça recreativa na África e pelo interesse no marfim de suas presas. Sugerir aos alunos a leitura das seguintes notícias e propor uma discussão sobre o que pode ser feito para melhorar a situação dos elefantes: “Marfim e morte – o fim dos elefantes está próximo”, disponível em: <<https://exame.abril.com.br/mundo/marfim-e-morte-massacre-poe-elefantes-a-beira-da-extincao/>> (acesso em: 26 abr. 2018), e “Elefante africano registra maior declínio nos últimos 25 anos, afirma IUCN”, disponível em: <<https://www.wwf.org.mz/noticias/?uNewsID=2240>> (acesso em: 26 abr. 2018).

- Pedir aos alunos que façam um levantamento de todas as outras espécies animais citadas no texto e montar um mural com recortes de imagens das espécies citadas. Eles podem ser estimulados a criar legendas com informações sobre o tamanho, o tipo de locomoção e os hábitos alimentares desses animais.

Arte

As cores e a Bauhaus

Veridiana Scarpelli trabalha nas ilustrações de *A operação Lili* principalmente duas cores primárias: o azul e o amarelo, num fundo branco, combinando essas cores em alguns animais e detalhes. Depois da Segunda Guerra Mundial, surgiu na Alemanha uma escola artística chamada Bauhaus, voltada principalmente para a arquitetura, mas que acabou influenciando vários campos artísticos, inclusive a pintura, com a teoria dos círculos das cores e o uso das cores primárias em combinações e formas geométricas. Na pintura, um dos grandes representantes do Bauhaus foi Wassily Kandinsky, com o uso de cores primárias e suas combinações e o uso de formas geométricas.

A Bauhaus encarna o ideal e o projeto de unir engenheiros, arquitetos, pintores, artesãos, *designers* e artistas industriais, pesquisando e construindo protótipos a serem produzidos em escala industrial, atendendo, por um lado, as necessidades da sociedade alemã e, por outro, o ideal comunitário de levar a arte moderna a todos os níveis sociais criando assim o artista-artesão.

Constituída na Alemanha, em 1919, após a fusão das Escolas de Artes e Ofício e Belas Artes de Weimar, teve como principal idealizador e articulador o arquiteto Walter Gropius [...]

MAC-USP. *Bauhaus*. Disponível em: <<http://www.mac.usp.br/mac/templates/projetos/seculoxx/modulo1/construtivismo/bauhaus/index.html>>. Acesso em: 23 abr. 2018.

Mais informações sobre essa escola podem ser encontradas no *site* da revista *Mundo Estranho*: “O que foi a Bauhaus?”, disponível em: <<https://mundoestranho.abril.com.br/cultura/o-que-foi-a-bauhaus/>> (acesso em: 23 abr. 2018).

- Propor com o componente Arte uma pesquisa sobre o movimento Bauhaus e seus principais artistas. Depois, em grupos, os alunos devem criar um desenho com formas geométricas e combinar em detalhes duas cores primárias que representem para eles a história do livro. Pode-se promover uma exposição das obras dos alunos, em que eles expliquem o que descobriram sobre a Escola de Design Bauhaus e contem um pouco sobre o livro lido. Essa atividade trabalha a seguinte habilidade de Arte: “(EF15AR01) Identificar e apreciar formas distintas das artes visuais tradicionais e contemporâneas, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético”.
- A habilidade “(EF15AR17) Experimentar improvisações, composições e sonorização de histórias, entre outros, utilizando vozes, sons corporais e/ou instrumentos musicais convencionais ou não convencionais, de modo individual, coletivo e colaborativo” pode ser abordada na seguinte atividade: O cancionário do folclore brasileiro é rico em canções protagonizadas pelo sapo, por exemplo, “Sapo Cururu” e “O sapo não lava o pé”. Pode-se fazer um levantamento desse repertório de canções com a turma e organizar uma seção de cantoria. Essas canções podem ser apresentadas depois da leitura da obra, como uma maneira de comemorar o sucesso da cirurgia em Lili que salvou a vida do sapo Gregório.

História

As atividades a seguir possibilitam abordar a habilidade: “(EF01HI02) Identificar a relação entre as suas histórias e as histórias de sua família e de sua comunidade”, da unidade temática “Mundo pessoal: meu lugar no mundo”.

- A história tem início com uma série de brincadeiras realizadas pelos amigos Lili e Gregório. Este pode ser um ponto de partida para trabalhar/aprofundar o estudo do gênero textual regras de jogo. Pode-se perguntar à turma do que costumam brincar, onde e com que frequência. Observar que as brincadeiras fazem parte da rotina das crianças e variam de acordo com a época e com o lugar onde vivem. Assim, propor à turma que converse com seus familiares adultos sobre quais eram as brincadeiras quando eram crianças. Esclarecer que essa atividade será uma pesquisa sobre brincadeiras.
- Solicitar aos alunos que conversem com um adulto sobre uma brincadeira da infância dele e peça que os ensine. Os alunos devem descrever a brincadeira oralmente, explicando aos colegas como se brinca, suas regras etc. (Outra possibilidade é que cada aluno descreva sua brincadeira preferida.) Em seguida, eles devem escrever essa explicação no caderno. Nessa atividade, é possível verificar se as características do gênero são/ foram compreendidas e explorá-las um pouco mais, se necessário.
- Depois de corrigidos e ilustrados, os textos podem ser organizados num livreto. Se possível, providenciar um exemplar para cada aluno.
- Pode-se fazer uma votação para escolher uma (ou mais) brincadeiras para os alunos brincarem juntos.

Projeto Multidisciplinar

Um livro sempre permite múltiplas leituras e abordagens multidisciplinares e transdisciplinares, ainda mais no Ensino Fundamental, quando o professor navega pelas diferentes disciplinas e consegue integrá-las e interligá-las com base em um tema gerador.

A atividade a seguir destina-se ao exercício multidisciplinar de algumas questões abordadas no livro. O projeto **No mundo encantado dos seres vivos** propõe a exploração de um contexto natural próximo aos alunos (zoológico, parque, praia, campo) para a organização de uma exposição de imagens e sons na escola.

No mundo encantado dos seres vivos

- 1 Conversar com os alunos sobre os ambientes naturais que conhecem ou gostariam de conhecer na região onde moram.
- 2 Escolher com a turma um desses ambientes e organizar uma excursão a esse local. Pode ser o zoológico, um parque, a praia, uma fazenda ou mesmo uma praça próxima à escola.
- 3 Preparar com a turma um formulário de “coisas a descobrir” sobre esse ambiente. O que acham que vão encontrar? Que tipo de seres vivos? Como se alimentam? Como vivem e se reproduzem? Eles produzem sons próprios? Alguma curiosidade específica sobre esses seres vivos? Podem ser explorados tamanho, forma, cobertura do corpo, entre outros itens.
- 4 Orientar os alunos a, se possível, levarem câmeras fotográficas, gravadores ou *smartphones* para a expedição; não é necessário um aparelho para cada aluno, eles podem trabalhar em grupo.
- 5 Cada grupo deve observar e registrar imagens e sons dos seres que encontrarem no lugar, além de buscar as informações especificadas no formulário de campo e outras que desejarem acrescentar.
- 6 Organizar uma roda de conversa para que os alunos possam expor suas impressões sobre a visita.
- 7 Auxiliá-los na organização do material coletado. Decidir com a turma a forma como esse material será exposto, sugerir que elaborem cartazes, ampliem fotos, editem vídeos.

- 8 Orientar a organização da exposição com os trabalhos produzidos pela turma. Propor a criação de legendas explicativas para as fotos.
- 9 Possibilitar que os sons coletados em campo sejam inseridos na sala onde será realizada a exposição; talvez um *pen-drive* com os sons gravados e uma caixa de som sejam suficientes ou podem ser utilizados outros suportes, como *datashow*.
- 10 Propor aos alunos que preparem os convites para a exposição.
- 11 Conversar com os alunos sobre o que aprenderam e quais foram suas impressões sobre o trabalho realizado.

Elaboração Maria Aparecida Viana Schtine Pereira